

EDITORIAL

São bastante conhecidas as diversas passagens de sua obra, nas quais Nietzsche constrói a imagem do seu “leitor ideal”. Em contraposição à aceleração do tempo própria de sua época, seja com o aparecimento dos jornais diários, dos livros de bolso ou ainda com a invenção do trem, Nietzsche falava, tal como no final do “Prefácio” de 1886 à *Aurora*, de “leitura lenta”, complemento e sucedâneo da composição de um texto, de um aforismo, como uma “ourivesaria”, um “dar-se tempo”, dizia ele, para não sucumbir à “pressa”, à “indecorosa e suada sofreguidão”, próprias de uma “época de ‘trabalho’”. Nietzsche atribuía as características do seu “leitor ideal”, por fim, a uma concepção de filologia, situada para além das injunções do ensino universitário e, principalmente, do ideal cientificista de sua época, que exigia a separação ente vida e obra, entre vida e pensamento.

As admoestações de Nietzsche nunca foram tão atuais, se pensarmos no contexto universitário brasileiro, atravessado por uma concepção de avaliação de desempenho e de produção do conhecimento, cujo imperativo é a “pressa”. Cada vez mais regida pelas mesmas leis e princípios do “mundo do trabalho” tal como ele se apresenta para nós, isto é, nas condições próprias das sociedades capitalistas, a atividade universitária, a produção do conhecimento no interior das universidades, tende cada vez mais àquela “indecorosa e suada sofreguidão” denunciada por Nietzsche. Apressados são os prazos, apressadas são as exigências de participação em eventos, apressados são os imperativos para publicação.

Esta edição dos *Estudos Nietzsche* mostra que é possível situar-se em contraposição a toda “pressa”. Não por acaso ela se abre com o artigo de Angelo Marinucci e Luca Crescenzi acerca das relações entre determinismo e liberdade no pensamento de Nietzsche a partir da descoberta de uma fonte preciosa para a concepção do eterno retorno, qual seja, o discurso de Emil Du Bois-Raymond, intitulado *Die Sieben Welträtsel (Os sete enigmas do mundo)* e proferido em 1880 diante da Leibniz Stiftung, em Leipzig. Recorrendo a essa fonte, os autores reconstroem um debate fundamental, que nos permite lançar um novo olhar para um tema e uma questão dos mais debatidos na recepção de Nietzsche. Do mesmo modo, apresentamos ao público brasileiro, a pesquisa de Arnaud Sorosina acerca do “estatuto dos sofistas” em Nietzsche. Novamente, encontramos aqui um exemplo da paciência própria aos “velhos filólogos”, que Nietzsche exigia de seus leitores. Reconstruindo genealogicamente as referências de Nietzsche aos sofistas, o autor mostra as mudanças e deslocamentos que a figura dos sofistas e de seus pensamentos sofrem no decorrer da obra de Nietzsche, trazendo à discussão, com isso, temas candentes do pensamento de Nietzsche. Do mesmo modo e nessa

mesma direção, Sdnei Pastano e Leonardo Camacho de Oliveira nos apresentam temas pouco ou quase nunca estudados na recepção brasileira de Nietzsche, seja o de sua relação com a Renascença, seja aquele de sua genealogia do Direito Penal. Em ambos os casos, o pensamento de Nietzsche se ilumina a partir desses contrastes, seja quando se volta para uma determinada época da história, para liberá-la das delimitações cronológicas e transformá-la numa espécie de referência valorativa encontrável em outras épocas, seja quando o exercício genealógico nos revela a emergência de um conjunto de noções ou ainda de um determinado campo de saber que pretende ser reconhecido como uma “ciência”. João Pereira da Silva Neto, Paulo Severiano Benevides, Danilo Botelho e Gabriela Vieira, por sua vez, revisitam temas – a recepção de Kant por Nietzsche ou ainda as relações entre Nietzsche e Foucault -, mostrando o quanto há ainda muito a pesquisar e a dizer nessas respectivas áreas de tensão e turbulência que cercam o pensamento de Nietzsche, seja a partir do diálogo de Nietzsche com seu tempo, no caso, um tempo marcado pelo pensamento de Kant, seja a partir do diálogo com Nietzsche realizado por filósofos que, como é o caso de Michel Foucault, se situaram no interior de sua linhagem.

Completam esse número, como de praxe, duas resenhas e uma tradução. As duas resenhas, sem que tivéssemos percebido imediatamente esse fato, reúnem, num mesmo número, a faceta clássica da recepção de Nietzsche e sua faceta mais recente. A publicação do livro de Karl Löwith, *De Hegel a Nietzsche*, um estudo primoroso e indispensável para pensarmos o século XIX a partir do movimento filosófico que o anima, passou praticamente em brancas nuvens. Trata-se de um clássico no seu gênero e nos seus objetivos. Na outra ponta, o livro do jovem professor português João Constâncio, presença bastante conhecida na recepção mais recente de Nietzsche, dedicado às relações entre arte e niilismo. O livro de João Constâncio é um dos exemplos da “leitura lenta”, à qual me referi acima. Por fim, o Prof. Edmilson Paschoal apresenta uma tradução comentada das referências a Dostoiewski na correspondência de Nietzsche, mostrando assim o quanto essas referências são importantes para compreendermos os percalços, mas também a amplitude e as ressonâncias que a leitura do escritor russo deixou no pensamento e na obra de Nietzsche.

Que nossa invocação à figura do “leitor ideal”, possa ser tomada por vocês, caros leitores desse número, como uma exigência de ordem ética, mas também política, por situar o leitor, assim como os autores, na contraposição às intermitências da “pressa”.

Os editores